



A contabilidade como suporte à gestão de micro e pequenas empresas em tempos de Covid-19

Accounting as support for the management of micro and small companies in times of Covid-19

DOI: 10.55905/oelv21n6-047

Recebimento dos originais: 09/05/2023

Aceitação para publicação: 16/06/2023

Francisco Carlos Lorentz de Souza

Doutorando em Administração

Instituição: Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)

Endereço: Rua Professor José de Souza Herdy, 1160, Jardim 25 de Agosto, Duque de Caxias - RJ

E-mail: franciscolorentz@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3778-6257>

Deborah Moraes Zouain

Doutora em Administração

Instituição: Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)

Endereço: Rua Professor José de Souza Herdy, 1160, Jardim 25 de Agosto, Duque de Caxias - RJ

E-mail: deborahzouain@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4813-9741>

RESUMO

Este estudo teve como objetivo identificar como os efeitos da pandemia da Covid-19 impactaram o suporte à gestão oferecido pelos escritórios de contabilidade aos seus clientes micro e pequenos empresários. A metodologia aplicada foi pesquisa qualitativa e descritiva, com entrevistas semiestruturadas, em profundidade, direcionadas a sete escritórios de contabilidade localizados no município do Rio de Janeiro/RJ, contendo perguntas acerca da prestação de serviços, especialmente sobre suporte gerencial, no momento da crise gerada pela pandemia. O estudo contribuiu para o entendimento sobre as formas como a crise gerada pela Covid-19 influenciou as relações entre os profissionais de contabilidade e os seus clientes micros e pequenos empresários, sobretudo quanto ao apoio à tomada de decisão. Verificou-se que a crise apresentou capacidade para gerar mudanças na relação entre escritórios de contabilidade e essa clientela específica, ampliando o entendimento sobre o papel da contabilidade como suporte ao processo decisório. O estudo também mostrou que a pandemia da Covi-19 criou oportunidades de aproximação entre os escritórios e os clientes micro e pequenos empresários, contribuindo para a valorização do profissional de contabilidade e dos serviços prestados pelos seus escritórios.

Palavras-chave: escritórios de contabilidade, Covid-19, suporte gerencial, micro e pequenas empresas.

ABSTRACT

This study aimed to identify how the effects of the Covid-19 pandemic impacted the management support offered by accounting firms to their micro and small business clients. The applied methodology was qualitative and descriptive research, with semi-structured, in-depth interviews, directed to seven accounting offices located in the city of Rio de Janeiro/RJ, containing questions about the provision of services, especially about managerial support, at the time of the crisis generated by the pandemic. The study contributed to the understanding of the ways in which the crisis generated by Covid-19 influenced the relationships between accounting professionals and their micro and small business clients, especially regarding support for decision-making. It was found that the crisis had the capacity to generate changes in the relationship between accounting firms and this specific clientele, expanding the understanding of the role of accounting as a support to the decision-making process. The study also showed that the Covid-19 pandemic created opportunities for closer relations between offices and micro and small business clients, contributing to the appreciation of accounting professionals and the services provided by their offices.

Keywords: accounting offices, Covid-19, management support, micro and small companies.

1 INTRODUÇÃO

Os primeiros casos da doença provocada pelo coronavírus surgiram em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China. Em resposta a transmissão acelerada do vírus em todo o mundo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 11 de março de 2020, que se tratava de uma pandemia (OMS, 2020). Para diminuir os efeitos devastadores dessa doença diversos países adotaram gradualmente medidas de isolamento social, a fim de evitar a propagação do vírus, como por exemplo: limitação de circulação de pessoas, fechamento de empresas ou alteração no funcionamento de suas atividades – restaurantes, cinemas, escolas, entre outras, o que gerou grande impacto na vida das pessoas, na economia das empresas e dos países (Sunde, Júlio & Nhaguaga, 2020).

O primeiro caso registrado no Brasil, segundo o Ministério da Saúde, ocorreu em março de 2020, desencadeando, a partir de então, uma série de efeitos negativos em termos sociais, econômicos e políticos, que impactaram a vida e os negócios de todos no

país. Esses impactos também trouxeram consequências econômicas que afetaram diretamente o dia a dia dos profissionais de contabilidade e de seus escritórios (Sintema, 2020), decorrentes principalmente da restrição à mobilidade das pessoas – distanciamento social – e do fechamento de empresas, potencializando a instabilidade econômica brasileira e mundial (Ferreira & Santa Rita, 2020).

Mais adiante, em 2022, a exemplo do que ocorreu em outros países, algumas cidades e estados do Brasil revogaram o uso obrigatório de máscaras e algumas outras medidas que marcaram os últimos dois anos de pandemia da Covid-19. Em alguns municípios, como no Rio de Janeiro, o uso de máscaras deixou de ser obrigatório em locais abertos ou fechados desde março de 2022. Em abril de 2022, o Ministério da Saúde formalizou o encerramento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (Espin) relativa à pandemia de Covid-19. Em maio de 2022, o presidente da República do Brasil revogou o Decreto 10.659, de 2021, que instituiu o Comitê de Coordenação Nacional para Enfrentamento da Pandemia da Covid-19.

De uma forma ou de outra, todos os setores da economia foram afetados drasticamente pela pandemia da Covid-19 nos anos de 2020 e 2021, com os frequentes abre e fecha do comércio e de serviços, frequentes reduções do horário de funcionamento das empresas, devido à obrigatoriedade do distanciamento social, promovendo o encerramento das atividades de diversas empresas, principalmente as pequenas. Desse modo, o aspecto gerencial, que envolve parceria na tomada de decisões com o auxílio ao planejamento financeiro, ao controle e à avaliação do desempenho operacional (IMA, 2008), torna-se fundamental no auxílio aos gestores das organizações, principalmente das micro e pequenas empresas (MPEs), a fim de mantê-las em funcionamento e minimizar os efeitos econômicos causados pela pandemia, que gerou sentimentos de incerteza e ansiedade em relação ao futuro (Sahu, 2020), tanto em aspectos organizacionais quanto pessoais. Lukka e Granlund (2002) acrescentam, ainda, que muitas empresas não têm conseguido absorver benefícios das informações geradas pela contabilidade, que são fundamentais para o processo de gestão de seus negócios, seja pela estrutura, seja por falta de conhecimento ou por tomarem decisões baseadas em experiências que acreditam ter, seja pelo

pouco suporte oferecido por escritórios que prestam serviços de contabilidade (Santos, Bennert, Figueiredo, & Beuren, 2018).

Diante desse contexto, esta pesquisa busca responder a seguinte questão: como os serviços de suporte à gestão ofertados pelos escritórios de contabilidade às micro e pequenas empresas foram impactados pela pandemia da Covid-19? Para tanto, tem-se como objetivo entender como os escritórios de contabilidade apoiaram gerencialmente as MPEs durante a pandemia da Covid-19.

Este estudo justifica-se pela sua contribuição ao entendimento sobre as formas como a pandemia de Covid-19 influenciou e ainda continua influenciando nas relações entre os profissionais de contabilidade e os seus clientes, sobretudo o suporte à gestão para os micros e pequenos empresários.

O artigo está estruturado da seguinte forma: introdução, referencial teórico para apresentar as principais referências sobre o tema; metodologia; análise dos resultados e, por fim, as considerações finais da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

Internacionalmente não há um consenso sobre o conceito de micro, pequenas e médias empresas, tendo em vista as diferenças entre os países, a sua população de empresas e suas economias (Guimarães, Carvalho, & Paixão, 2018). Na União Europeia, por meio da iniciativa *Small Business Act* para a Europa (Portugal, 2022), que reconhece o alto nível de importância das pequenas e médias empresas na promoção do reforço do crescimento, competitividade sustentável, inovação, inclusão social e emprego na economia europeia, estabeleceu-se alguns critérios de políticas públicas para a definição dessas empresas. Segundo Guimarães *et al.* (2018), a necessidade de uma definição para a União Europeia nasceu do receio de que a sua falta acarretasse a aplicação de políticas diferentes e consequentes distorções na concorrência entre as empresas dos países que compõem a Comunidade Europeia. Assim, consideram-se tamanho da empresa em termos de pessoal empregado, faturamento e estrutura de propriedade da empresa, considerando os recursos que elas poderão ter a sua disposição. Em conformidade com

esses critérios, o Gabinete de Estatísticas da União Europeia (Eurostat, 2011) definiu os seguintes critérios em função das estatísticas estruturais das empresas europeias: grandes empresas – 250 pessoas ou mais; médias empresas – de 50 a 249 pessoas; pequenas empresas – de 10 a 49 pessoas; e microempresas – menos de 10 pessoas.

Segundo Stake e Feil (2017), no Brasil não há um critério único para definir o conceito de micro e pequena empresa. Coronado (2012) afirma que a caracterização de micro e pequena empresa depende dos critérios que são considerados por algumas instituições, entre eles critérios sociais, econômicos, jurídicos e tributários. Lemes e Pisa (2019) complementam que a classificação de empresa como Microempresa (ME) ou Empresa de Pequeno Porte (EPP), depende do critério de cada órgão governamental, bancos de fomentos, entre outros. Assim, as MPEs podem ser classificadas com base no critério do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), da Receita Federal do Brasil (RFB), do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), além do que determina a Lei Complementar nº 123/2006, conforme disposto no Quadro 1.

Quadro 1 - Caracterização das MPEs

Entidade	Segmento	Microempresa	Empresa de Pequeno Porte
Lei Complementar nº 123/2006 (art. 3º)	Indústria, comércio e serviços	Faturamento anual até R\$ 360 mil	Faturamento anual acima de R\$ 360 mil e R\$ 4,8 milhões
SEBRAE	Indústria	Até 19 empregados	De 20 a 99 empregados
	Comércio e serviços	Até 9 empregados	De 10 a 49 empregados
RFB	Indústria, comércio e serviços	Faturamento anual até R\$ 360 mil	Faturamento anual acima de R\$ 360 mil e R\$ 4,8 milhões
BNDES	Indústria, comércio e serviços	Faturamento anual até R\$ 360 mil	Faturamento anual acima de R\$ 360 mil e R\$ 4,8 milhões

Fonte: os autores.

Empresas como as de pequeno porte enfrentam problemas para sobreviver no mercado e obter os rendimentos desejáveis sobre suas atividades. Os empresários reclamam dos processos complexos e burocráticos das legislações, da excessiva carga tributária, dos altos juros, da escassez de recursos e outros fatores que contribuem

significativamente para dificultar o objetivo da empresa, que é o lucro (Iudícibus & Marion, 2017). Não obstante, as MPEs possuem um tratamento diferenciado e favorecido de acordo com a Lei Complementar nº 123/2006, com recolhimento unificado dos impostos devidos à União, Estados, Distrito Federal e Municípios, acesso ao crédito e ao mercado, inclusive quanto à preferência governamental nas aquisições de bens e serviços por meio de licitações públicas, tratamento diferenciado ao cumprimento de obrigações trabalhistas, previdenciárias e obrigações acessórias, além menor tributação em relação a outros regimes tributários.

De acordo com Silva (2020), a participação positiva das pequenas empresas na economia brasileira, possibilitada pelas alterações na legislação, vem favorecendo muito esse grupo de empreendedores. Fiek e Loose (2017) ressaltam que as MPE ganharam espaço na economia brasileira, tendo o reconhecimento do poder público graças ao seu grande impacto econômico e desenvolvimento. Os autores ainda comentam que, apesar de o poder público ter aumentado os planos para estruturar as MPEs há mais de 45 anos, elas passaram a receber atenção compatível com sua participação na economia apenas em um período recente. Cavalcante e Schneiders (2008) complementam que as pequenas empresas continuam evoluindo e conquistando o seu espaço, tornando-se peças fundamentais em um mercado tão competitivo, pois elas estão se adequando em qualidade, conhecimentos, agilidade e no planejamento estratégico.

2.2 A CONTABILIDADE GERENCIAL COMO FERRAMENTA DE GESTÃO ÀS MPES

O uso das ferramentas contábeis para o ser humano controlar seus bens e registrar suas transações comerciais é tão antigo quanto à história da civilização. Segundo Bächtold (2011), a contabilidade surgiu da necessidade de controle das posses e riquezas, portanto, o patrimônio. Advém desta necessidade a organização humana para a quantificação de sua propriedade. Ao longo do tempo, a contabilidade foi sofrendo modificações, em decorrência das mudanças sociais e aperfeiçoamento das técnicas para que elas pudessem satisfazer as reais e atuais necessidades dos usuários (Tostes, 2018). Crepaldi e Crepaldi (2017) complementam que a evolução da contabilidade vem acompanhando as

transformações da sociedade e tornando-se cada vez mais importante. Coelho e Lins (2010) argumentam que, atualmente, as empresas estão inseridas num cenário cada vez mais complexo e incerto. Decisões de curto ou longo prazo devem ser cuidadosamente avaliadas quanto a seus riscos e oportunidades. Assim, a contabilidade deve evidenciar nas organizações todas as transações que ensejaram os resultados atuais, assim como futuras deliberações apoiadas em informações relevantes aos administradores para auxiliá-los na tomada de decisões gerenciais (Iudícibus, 2020).

O crescimento do empreendedorismo em pequenos negócios faz com que eles necessitem de ferramentas e informações contábeis que os auxiliem em suas convicções gerenciais para uma melhor administração e suporte em suas decisões (Callado & Mello, 2018). Usualmente, a maioria das empresas tem controles financeiros com o objetivo de reduzir os custos tributários, contudo, além do planejamento tributário, o empresário tem a necessidade de informações sobre controle de gastos e de estoques, ponto de equilíbrio, fluxo de caixa, formação de preços, entre outros, para tomar medidas mais precisas, evitando o encerramento das atividades (Crepaldi & Crepaldi, 2017). No entanto, segundo esses autores, empresas menores, como microempresas e empresas de pequeno porte, normalmente são gerenciadas pelos próprios donos, que em sua maioria têm formação acadêmica voltada para os seus negócios, mas não para o conhecimento teórico na área de gestão e finanças. O emprego desse modo de gestão normalmente apresenta problemas, principalmente, pela falta de conhecimento específico (Ahmad & Zabri, 2016), o que pode contribuir para o grande número de falências e encerramento das empresas nos seus primeiros anos de existência.

A contabilidade gerencial envolve parceria na tomada de decisões gerenciais, elaboração de sistemas de planejamento e gestão de desempenho e fornecimento de experiência em relatórios financeiros e controle para auxiliar a administração na formulação e implementação da estratégia de uma organização (IMA, 2008). Souza e Diehl (2009) destacam que a contabilidade gerencial objetiva fornecer elementos e informações que auxiliem nos processos decisórios por meio da elaboração de um ciclo de controle, que envolve planejamento, execução e avaliação das atividades. De acordo com Iudícibus (2020), este ramo da contabilidade caracteriza-se por fornecer um enfoque diferente às

várias técnicas e procedimentos contábeis abordados pela contabilidade financeira e tributária, colocando essas informações em outra perspectiva, com a geração de informações que auxiliem na aplicabilidade de tais processos.

A contabilidade gerencial pode e deve ser aplicada nas MPEs, pois adapta-se às necessidades de informações, independentemente do porte da organização. No entanto, há um entendimento equivocado de que as MPEs não precisam de apoio contábil em sua administração, pelo fato de terem suas operações reduzidas e de que os contadores, em sua maioria, apenas cumprem as obrigações fiscais e acessórias que a legislação impõe, o que é um erro do ponto de vista do controle gerencial do negócio, pois sem contabilidade não há registro dos fatos praticados e nem posteriores interpretações, as quais são necessárias para embasar negociações (Silva, 2010). A esse respeito, Chér (1991) argumenta que a contabilidade tem sido considerada apenas como um instrumento para atender exigências legais e burocráticas, e não encarada como um instrumento de apoio à administração. Devido ao excesso de obrigações acessórias, além da burocracia que suas empresas têm de cumprir, os pequenos empresários acabam vendo o contador como um profissional que atende a essas exigências, mas não como um apoio à administração (Henrique *et al.*, 2010). Nesse sentido, Borget (2014) fortalece a ideia de que a contabilidade está muito mais voltada para a função de gestão empresarial do que para cumprir obrigações fiscais. Ainda que ambas sejam importantes, a primeira é realizada de forma permanente, enquanto a segunda apenas periodicamente, como por exemplo, em períodos de apuração de impostos.

2.3 A EVOLUÇÃO DA CONTABILIDADE GERENCIAL PROPOSTA PELO IFAC

A pesquisa realizada pelo *International Federation of Accountants* (IFAC) (1998) apresenta a evolução da contabilidade gerencial em quatro estágios, sendo cada um deles a representação da adaptação a um novo período de circunstâncias que as organizações enfrentavam e ainda enfrentam. Assim, a contabilidade gerencial pode ser dividida nos seguintes estágios, segundo o IFAC (1998): no 1º estágio (antes de 1950) o foco estava na determinação de custos e controle financeiro, por meio do uso de orçamentos e tecnologias de contabilidade de custos; no 2º estágio (1950-1965) o foco estava no

fornecimento de informações para planejamento e controle gerencial, por meio do uso de tecnologias e contabilidade por responsabilidade, identificando problemas e ações somente quando os desvios ocorriam; no 3º estágio (1965-1985) o foco estava na redução de desperdício de recursos nos processos empresariais com o uso da informática, que aumentou a quantidade de informações disponíveis e possibilitou melhor gerenciamento de custos e análise de processos; e o 4º estágio (1985 até os dias de hoje) introduziu um grupo diverso de novas técnicas de contabilidade gerencial, com o foco na criação de valor para o cliente e o acionista e na inovação organizacional, destacando-se o desenvolvimento de ferramentas, métodos ou práticas mais sofisticadas, como: *Balanced Scorecard*, Custeio Baseado em Atividades, *Economic Value Added (EVA®)*, entre outras ferramentas de contabilidade gerencial para o fornecimento de informações a respeito do estado atual e futuro das incertezas estratégicas (Ittner & Larcker, 2001).

2.4 ESTUDOS CORRELATOS

Alguns estudos realizados na busca pelo entendimento sobre como a contabilidade gerencial tem sido utilizada pelas pequenas empresas e médias, mostram que:

- (i) As principais práticas utilizadas por elas são aquelas consideradas tradicionais, em detrimento de outras mais recentes, tendo em vista que o tamanho e a participação do proprietário ou gestor influenciam a sua adoção e desempenhos gerenciais (Prihastiwi & Sholihin, 2018).
- (ii) Os pequenos empresários, muitas vezes, não conseguem avaliar a importância da contabilidade, por não possuírem conhecimentos contábeis suficientes, preocupando-se tão somente com informações tributárias fornecidas pelo contador, com o intuito de encontrar algum meio para se livrarem da tributação, negligenciando o planejamento, a organização, o controle, e outros encargos básicos da função administrativa (Stroeher & Freitas, 2006).
- (iii) As empresas industriais apresentaram maior uso de ferramentas gerenciais; em contrapartida, as empresas menores as utilizam de forma mínima, dando preferência ao controle e gestão do fluxo de caixa. O pouco uso das ferramentas gerenciais é justificado em função da análise do custo-benefício, já que o recurso



financeiro é elemento normalmente escasso entre organizações menores (Armitage, Webb, & Glynn, 2016).

(iv) Boa parte das pequenas e médias empresas toma decisões com base na intuição e experiência do gestor, e não em uma análise acurada das informações financeiras e mercadológicas. Portanto, cabe ao contador participar e conhecer mais a rotina empresarial de seus clientes para atenuar problemas relacionados ao processo de gerenciamento deles, demonstrando a relevância da contabilidade para uma adequada gestão empresarial (Albuquerque, 2004).

(v) A maioria dos gestores desconhece ou não utiliza artefatos gerenciais, concentrando-se nos controles operacionais de gestão, como controle de contas a receber, controle de contas a pagar, entre outros. Em relação aos que utilizam alguma ferramenta para a gestão do negócio, estes não são fornecidos pelo escritório de contabilidade (Santos *et al.*, 2018).

Observa-se em estudos anteriores um menor aproveitamento das ferramentas gerenciais pelas pequenas e médias empresas. Nesse contexto, justificam-se estudos sobre o tema, uma vez que momentos como os vividos em tempos de pandemia da Covid-19 podem trazer à lume a necessidade de um suporte gerencial por parte dos escritórios às MPEs, que possa auxiliar seus gestores a tomarem decisões baseados em informações úteis e vitais para os seus negócios.

3 METODOLOGIA

A metodologia é o meio pelo qual o pesquisador desenvolve uma pesquisa. O método caracteriza-se como um conjunto de atividades sistemáticas e racionais, que lhe permite alcançar o objetivo. Dessa forma, chega-se a conhecimentos válidos e verdadeiros, traça-se o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista (Lakatos, 2003). Como enquadramento metodológico, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e descritiva (Minayo, 2014).

Optou-se pela utilização de entrevistas contendo perguntas acerca da prestação de serviços de apoio à gestão de MPE por parte dos escritórios de contabilidade no momento da pandemia da Covid-19, que afetou tanto essas empresas quanto os escritórios de

serviços contábeis. As respostas dos entrevistados forneceram os dados básicos necessários para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre escritórios de contabilidade e seus clientes MPE (Gaskell, 2003), diante da crise gerada pela pandemia da Covid-19, com o intuito de entender o comportamento dos atores nesse cenário social específico.

As entrevistas foram conduzidas por um roteiro semiestruturado com profundidade, o que permitiu acrescentar outras questões relativas às circunstâncias momentâneas à entrevista (Manzini, 1991). Tal roteiro foi elaborado pelos autores e, posteriormente, validado por três contadores que prestaram – e ainda prestam – serviços a MPEs no período da pandemia. Após a validação, algumas perguntas foram ajustadas e outras foram acrescentadas ao roteiro de entrevista, que passou a ser composto por 12 perguntas, divididas em dois blocos: perfil do entrevistado e perfil do escritório de contabilidade. Destarte, como o intuito da pesquisa foi entender a percepção dos participantes no estudo em maior profundidade, não foram feitas provocações aos respondentes com perguntas que direcionassem a artefatos da contabilidade gerencial, que segundo Macohon e Beuren (2016, p. 14), referem-se “[...] a atividades, ferramentas, filosofias de gestão, instrumentos, métodos de custeio, modelos de gestão, métodos de avaliação ou sistemas de custeio que possam ser utilizados por profissionais da contabilidade gerencial no exercício de suas funções.”

A seleção dos sete escritórios participantes desta pesquisa se deu por acessibilidade e conveniência. Eles estão situados no município do Rio de Janeiro e apresentam diferentes estruturas quanto a tamanho e número de clientes. Seus sócios-proprietários foram contatados inicialmente por meio telefônico. Após a apresentação do objetivo do estudo a eles e a aceitação da participação na pesquisa, foram agendados datas e horários para a realização das entrevistas de forma remota (*online*), via aplicativo *Zoom*. Procederam-se as entrevistas neste formato, conforme a disponibilidade de horário e comodidade de cada participante.

As entrevistas aconteceram nos meses de maio e julho de 2022, com duração média de 55 minutos. Antes do início de cada entrevista foi apresentado o objetivo da pesquisa, que a participação era voluntária e que o(a) contador(a) tinha plena autonomia para se retirar da pesquisa a qualquer momento. Também foi esclarecido que nenhum incentivo

financeiro seria oferecido pela participação e, ainda, que seria preservado o anonimato, tanto do(a) entrevistado(a) quanto do escritório. Em seguida, foi solicitada a cada participante autorização para gravar a entrevista.

No que se refere à saturação do *corpus* da pesquisa, avaliou-se que este fato aconteceu quando surgiram repetições nas respostas obtidas de sete participantes, independentemente da estrutura ou do número de clientes de seus escritórios. Como se trata de abordagem qualitativa, os pesquisadores compreenderam que, mesmo que não haja um consenso definitivo sobre a saturação em pesquisas qualitativas (Minayo, 2017), esta ocorreu quando os sujeitos fornecerem informações desnecessárias à pesquisa.

As entrevistas foram transcritas após a sua finalização, para fins de análise de conteúdo, que segundo Bardin (2011), representa um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a compreensão de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens. Operacionalmente, a análise de conteúdo inicia-se pela leitura das falas após a transcrição das entrevistas, documentos e depoimentos. Esses procedimentos permitem relacionar estruturas semânticas com estruturas sociológicas das afirmações e articulá-las com os fatores que determinam suas características: contexto cultural, variáveis psicossociais e processos de produção de mensagem. Esse conjunto analítico visa a oferecer consistência interna às operações (Minayo, 2014).

Na fase de organização e tratamento dos dados, utilizou-se como instrumento para a análise do conteúdo o software MAXQDA (versão 2022), que auxiliou na análise do material qualitativo, com as ferramentas de codificação e armazenamento de textos em categorias específicas. A partir da leitura das entrevistas, foram levantados todos os indicadores significativos gerados pelas informações obtidas em campo e organizadas em categorias e códigos, segundo a análise de conteúdo desenvolvida pelo MAXQDA.

Concluída a codificação, as categorias foram organizadas e iniciou-se a interpretação dos resultados, de acordo com os objetivos traçados no início da pesquisa, ligando todas as categorias de forma a dar sentido/significados à análise de conteúdo realizada.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na análise e caracterização dos entrevistados, percebeu-se uma razoável diversidade, principalmente, com relação ao tempo de funcionamento dos escritórios, número de funcionários e clientes. Além disso, a pesquisa mostrou que, no geral, os contadores têm boa formação técnica e seus escritórios atendem diversos portes de empresas, sendo MPE as mais comuns entre elas, como pode ser visualizado nas falas dos entrevistados E2, E5 e E6, que afirmam que “a maioria dos clientes são microempresas e microempresários individuais – MEI. Praticamente 90% dos clientes são microempresários; o restante, médio porte [...]” (E2), “[...] muitos são microempresários. Dessa carteira de 200 empresas, 80% são microempresários e 20% são empresas de médio porte [...]” (E5) e “[...] acredito que 95% são microempresários e empresas de pequeno porte [...]” (E6).

A forma como os entrevistados compreendem a possibilidade de oferecimento de artefatos da contabilidade gerencial às MPE reflete, basicamente, o que sugere a definição de contabilidade gerencial do IMA (2008) e do IFAC (1998) em seu 1º estágio. Não obstante, observa-se um afastamento nas respostas dos entrevistados E4 e E6 em relação àqueles artefatos, descritos por Macohon e Beuren (2016), como se pode observar nas suas falas:

[...] além dos relatórios contábeis normais, que é o Balanço e o Demonstrativo de Resultados, eu costumo fazer análises comparativas mensais, trimestrais, semestrais e anuais em cima desses relatórios. Eu tenho um histórico desses clientes e monto isso em uma planilha de Excel. Assim, com o histórico de cada cliente, posso apontar algumas situações específicas de atenção. (E4)
[...] eu entendo que é a contabilidade em si, a escrituração contábil, que traz muita informação para o empreendedor. A gente emite um balancete e consegue identificar ali as despesas, receitas. [...] Além disso, a gente acompanha o faturamento do cliente [...]. (E6)

Quando perguntados sobre o tipo de apoio à gestão que seus escritórios poderiam oferecer aos seus clientes micro e pequenos empresários, notou-se, entre os respondentes, um foco mais associado com o auxílio à tomada de decisões direcionado para a área financeira do que para a área gerencial, como é observado nas falas dos entrevistados E2 e E7. O entrevistado E2 afirmou que “[...] A gente está se especializando na parte de gestão

financeira para auxiliar os clientes, [...] a dificuldade dos micro e pequenos empresários é justamente nessa parte estratégica”. O entrevistado E7 afirmou que “A gestão financeira é o tipo de suporte gerencial básico, porque tem muito pequeno empresário que não sabe o que é lucro, por exemplo. Eles acham que lucro é o que entra no caixa.” Neste caso, os achados do estudo, novamente, parecem mostrar que a oferta de artefatos gerenciais às MPEs está mais voltada para o estágio inicial da contabilidade gerencial (IFAC, 1998), cujo foco está na determinação de custos e controle financeiro, além de estarem alinhados às descobertas de Armitage *et al.* (2016), as quais constataram que empresas de menor porte têm seu suporte gerencial direcionado para informações financeiras. Não obstante, observou-se nos achados desta pesquisa que alguns escritórios tentaram ofertar algum tipo de suporte gerencial aos seus clientes micro e pequenos empresários sem muito sucesso. Ahmad e Zabri (2016) identificaram em seus estudos que algumas barreiras influenciam tanto a oferta de suporte gerencial por parte dos escritórios quanto à adoção de ferramentas gerenciais por parte das MPEs, e que essas barreiras podem estar ligadas quer pela falta de estrutura, quer pela falta de conhecimento de ambas as partes.

A esse respeito, os estudos de Albuquerque (2004) revelam que boa parte das empresas de menor porte toma decisões fundamentadas na intuição e experiência do gestor, e não no suporte gerencial que os escritórios de contabilidade possam oferecer às MPEs, no aspecto financeiro ou nos aspectos do alcance dos objetivos organizacionais de seus clientes micro e pequenos empresários, configurando-se como um tipo de barreira, conforme destacado pelos entrevistados E1, E2 e E6. O entrevistado E1 argumentou “Eu gostaria muito de oferecer muito mais do que a gente está realmente prestando, porque a dificuldade é em fazer com que o cliente entregue para a gente o que ele precisa entregar, para podermos oferecer a ele um bom suporte gerencial.”

O entrevistado E2 afirmou que “[...] tentamos conversar com o cliente para ajudá-lo de alguma forma, até fora a parte técnica, mas ao mesmo tempo, ele não consegue se abrir com a gente e mostrar realmente o que a gente pode fazer para ajudar. Ele tem uma certa resistência.”

Complementando, o entrevistado E6 observou que



A maioria dos nossos clientes não demanda por suporte gerencial; somente aquele básico que a gente oferece, principalmente em relação aos tributos. [...] Então, com as micro e pequenas empresas a gente tem essa dificuldade de receber a informação. Esse é o grande problema para nós, escritórios de contabilidade, que prestamos serviços para esse tipo de cliente. (E6)

Quanto à demanda dos escritórios de contabilidade no período da pandemia, a maioria dos entrevistados informou que houve aumento de trabalho relacionado, principalmente, aos aspectos tributários, trabalhistas e de pessoal, como é possível observar nas falas dos entrevistados E2 e E7. O entrevistado E2 observou que “Na pandemia a gente alavancou, entraram uns 40 clientes por conta dessa dificuldade de cumprir os prazos, de ter essa parte trabalhista também, que teve suspensão de contratos de trabalho.” O entrevistado E7 complementou

[...] os cenários político, econômico e social contribuíram para o aumento da demanda por serviços por parte das MPEs. [...] Era uma loucura. Saíram muitas medidas provisórias. A gente dormia com uma e acordava com outra. E o empresário ficou enlouquecido. [...] E aí eles começaram a procurar mais, para terem clareza do que fazer e como fazer. (E7)

Em relação às demandas decorrentes especificamente de medidas provisórias e acordos trabalhistas vinculados ao momento da pandemia da Covid-19, a pesquisa mostrou que os escritórios dos entrevistados serviram como um importante apoio de gestão para, principalmente, mostrar o que fazer e como fazer nesses casos, conforme se observa na fala do entrevistado E5, que afirmou “[...] especificamente nesses pontos das medidas provisórias, como suspensão e redução de jornada de trabalho, por exemplo, como fazer e o que fazer foram o que demandou bastante em nosso escritório”. Observou-se também que, para alguns clientes micro e pequenos empresários, o escritório contábil foi fundamental para manter a saúde financeira dos seus negócios nos momentos de crise provocada pela pandemia. Essas percepções podem ser observadas nas falas dos entrevistados E4, E5 e E6, que afirmaram que “Hoje, mais do que antes, [...] porque depois da pandemia, a gente passou a ter uma importância muito maior para esses clientes. Hoje eu sou muito mais requisitado do que antes da pandemia” (E4); “Hoje eu acredito que sim, e a gente goza de uma confiança deles no sentido de algumas tomadas de decisões, tanto na parte financeira, principalmente, como de tributos e de pessoal” (E5) e “nós estreitamos

o relacionamento, e aí, eles perceberam o nível de informação que a gente tinha para disponibilizar, e eles sentiram segurança” (E6).

Observou-se, ainda, que a crise provocada pela Covid-19 proporcionou maior participação do contador no direcionamento da gestão dos negócios de seus clientes, sobretudo com destaque para as decisões relacionadas com questões de pessoal e tributárias. E isso se tornou fundamental para a sobrevivência desses clientes, como destaca o entrevistado E6

Com relação a essa questão gerencial, por exemplo, a tecnologia mudou a realidade dos escritórios de contabilidade, possibilitando gerar informações úteis em tempo real. [...] por exemplo, analisar a folha de pagamentos de uma pequena empresa, observamos o pagamento de muitas horas extras. Aí, nós chamamos o cliente para conversar e sugerir se não sairia mais barato colocar mais um membro na equipe, em vez de ficar pagando essa quantidade de hora extra, sobrecarregando a equipe, gerando insatisfação. Também avaliamos movimentação contábil deles para tentar entender sobre o montante de dinheiro em Caixa e o não pagamento de impostos. Aí, conversamos com eles sobre os riscos disso. [...] A gente passou a ter esse olhar para esses clientes, a fim de garantir a continuidade dos seus negócios. (E6)

Os estudos de Stroehler e Freitas (2006) mostram que os pequenos empresários, na maioria dos casos, preocupam-se tão somente com informações tributárias fornecidas pelo contador, com o intuito de encontrar algum meio para se livrarem da tributação, descuidando-se do planejamento, da organização, do controle, e de outros encargos básicos da função administrativa. Portanto, cabe ao contador participar e conhecer mais a rotina empresarial de seus clientes micro e pequenos empresários para mitigar problemas relacionados ao processo de gerenciamento dessas empresas, e não apenas aos aspectos tributários, demonstrando a relevância dos artefatos da contabilidade gerencial para uma adequada gestão empresarial (Albuquerque, 2004).

Em relação aos serviços de apoio gerencial ofertados a esses antes e durante a Covid-19, percebeu-se uma categorização entre as respostas dos entrevistados, conforme se observa no Quadro 2.

Quadro 2 - Apoio gerencial prestado antes e durante a Covid-19

Categoria	Entrevistado
1 – Não ofertava suporte gerencial	<p>“Eu não consigo oferecer nada gerencial.” (E1)</p> <p>“Para ajudá-los a gerenciar seus negócios, na verdade, não tinha. Não tinha suporte de gestão na época, era mais a operação normal.” (E2)</p> <p>“Gestão financeira, basicamente.” (E7)</p>
2 – Ofertava como adicional aos serviços básicos do escritório (contabilização, elaboração de relatórios financeiros etc.)	<p>“houve uma atenção maior e até uma demanda maior por parte do cliente, [...] a gente já fazia, em certa parte, para alguns; outros não davam muita importância, só que, com a pandemia, isso teve uma mudança para melhor. Foi um momento em que ele passou a dar valor à contabilidade, para ajudar nas técnicas de administração dele.” (E3)</p> <p>“[...] A maioria dos nossos clientes não demandava nenhum serviço além daquele básico que a gente oferece, [...] nós tínhamos suporte na área financeira, mas também não era para todos. [...] Então, a gente conversava com o cliente para oferecer para ele [...], mas com a chegada da pandemia, a gente acabou oferecendo mais serviços, [...] passamos, por exemplo, a escriturar uma contabilidade muito mais rápido para que o cliente pudesse apresentar o Balanço junto ao banco para conseguir um financiamento.” (E6)</p>
3 – Ofertava apenas como consultoria	<p>“[...] isso é uma coisa que eu faço à parte, [...] e deixo claro para eles, porque às vezes o cliente contrata contabilidade e, daqui a pouco, você tá até fazendo jurídico, sendo que você nem é advogado.” (E4).</p> <p>“Antes e durante a pandemia, a gente atendia bem o tradicional, como fiscal, contábil, departamento pessoal. [...] Agora estamos desconstruindo aquele discurso da contabilidade tradicional. [...] se você quiser só o serviço de departamento pessoal, ou só o serviço de acompanhamento mensal, você contrata individualmente.” (E5)</p>

Fonte: os autores (2023)

Na primeira categoria foi observado que os entrevistados não ofertaram nenhum artefato de contabilidade gerencial aos seus clientes. Na segunda, os escritórios ofereciam algumas ferramentas de suporte gerencial além dos serviços básicos contratados, como forma de fidelizar seus clientes micro e pequenos empresários. Na terceira, os escritórios ofereciam serviços de suporte gerencial apenas para as MPEs que o desejassem, por meio de um pagamento adicional pelos serviços.

Apesar de parte dos entrevistados apontarem algum tipo de barreira imposta pelos clientes micro e pequenos empresários, a crise gerada pela Covid-19 proporcionou um aumento de demanda e estimulou o estreitamento da relação entre eles. Este entendimento pode ser visualizado nas falas dos entrevistados, conforme apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 - Percepção de aproximação entre MPEs e os escritórios

E1	“Eu percebi que melhorou sim [...]. Com as medidas provisórias, a suspensão de contratos e todas as dificuldades que a Covid trouxe, esses empresários, principalmente os pequenos, quiseram a nossa ajuda nessa questão do gerenciamento das informações.”
E2	“Sem dúvida melhorou bastante, e ainda aumentou a confiança entre nós. A partir de agora eles sabem que podem contar com a contabilidade.”
E3	“Melhorou, na nossa visão. [...] os contadores foram muito atuantes nesse período, eles auxiliaram muito os clientes, e eles perceberam esse suporte.”
E4	“[...] eu acho que o contador passou a observar que ele pode contribuir muito mais para o sucesso dessas MPE. [...] Antes muitos acreditavam que a contabilidade era um mal necessário para gerar guias e fazer o Balanço, mas agora percebem que pode ser uma coisa muito maior.”
E5	“Acredito que eles perceberam valor no serviço contábil, [...] a nossa classe, de uma maneira geral, trabalhou como nunca, [...] nós entendemos a melhor forma de atender esses clientes. Uns um pouco melhor, dependendo de sua estrutura. De alguma forma, os contadores tentaram fazer o melhor que puderam.”
E6	“O que eu percebo é que a relação ficou mais próxima em função da necessidade utilizar ferramentas gerenciais, e isso acabou dando continuidade [...] em função da Covid. Hoje, o cliente pede mais reuniões virtuais, [...] muitos enxergaram a importância de ter a sua escrituração contábil regular, principalmente em uma situação de pandemia, para ter condições de captar um recurso para manter suas atividades. Então, hoje a gente está vendo uma contabilidade cada vez mais próxima da necessidade desse cliente.”
E7	“Eu acho que mudou a visão que o empresário tinha do contador antes, porque hoje eles conseguem enxergar o contador como parceiro, como uma pessoa que pode dar uma orientação melhor que antes eles não procuravam. [...] O Governo implementou muitas coisas para beneficiar esses empresários, e assim, eles procuravam bastante orientação. Então, eu acho que, daqui para a frente, o que pode ser melhorado é essa questão da comunicação entre o cliente e o escritório.”

Fonte: os autores (2023)

A literatura permite o entendimento de que as MPEs não precisam de apoio contábil em sua administração, pelo fato de suas operações serem reduzidas e os contadores, em sua maioria, apenas cumprirem as obrigações fiscais e assessórias que a legislação impõe. Em decorrência, o contador é percebido como um profissional que trata dessas questões, mas não oferece um suporte à administração (Silva, 2010; Chér, 1991; Henrique *et al.*, 2010). No entanto, há indicações focadas nos entrevistados, as quais eles perceberam que o contador passou a ser visto pelos pequenos empresários como um suporte gerencial frente a crise gerada pela pandemia, mostrando, assim, uma maior credibilidade na ajuda do contador. Em alguns casos, os entrevistados relataram que as MPEs não viam antes a contabilidade como ferramenta para auxiliar na administração, mas sim como uma burocracia indispensável de geradores de guias de impostos.

Outro entendimento na literatura é o de que os micro e pequenos empresários gerenciam seus próprios negócios e, muitas vezes, não conseguem avaliar a importância da

contabilidade, por não possuírem conhecimentos contábeis suficientes (Crepaldi & Crepaldi, 2017; Stroehler & Freitas, 2006). No entanto, o estudo indica que a crise, aparentemente, estreitou a distância existente entre as MPEs e os contadores. Essa aproximação pareceu atenuar um dos problemas levantados por Chér (1991), Silva (2010) e Stroehler e Freitas (2006), no que se refere ao papel do contador como apenas um cumpridor de obrigações fiscais e acessórias, e não como um parceiro para apoiá-los na gestão de seus negócios. Percebe-se que essa aproximação foi acelerada em função da crise provocada pela Covid-19, quando esses clientes demandaram mais por serviços de assessoria/consultoria em função de possíveis acordos trabalhistas vinculados ao momento da pandemia, entre outras decisões governamentais adotadas após a chegada do vírus no Brasil, que aumentaram as demandas que precisavam de decisões rápidas por parte desses clientes, além de compreender os reflexos operacionais e financeiros de tais decisões. Essas constatações também foram observadas no estudo realizado por Souza, Kachenski e Costa (2021), sobre os impactos iniciais gerados pela Covid-19, realizado com seis escritórios de contabilidade localizados nos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, no Brasil, que teve como objetivo identificar como a crise afetou o suporte gerencial ofertado pelo contador. De modo similar a esse estudo, percebe-se que o advento da crise da Covid-19 trouxe às MPE a percepção de que o contador é um elemento fundamental para a manutenção dos seus negócios, principalmente em momentos de crise, com orientações precisas e suporte à gestão de seus negócios, contribuindo para a valorização do profissional de contabilidade.

Outra constatação observada por Souza *et al.* (2021) é de que o suporte gerencial às MPEs está, ainda, no estágio inicial (IFAC, 1998). Neste estudo isso também foi observado, por decisões basicamente voltadas para o aspecto financeiro. Tal fato alinha-se aos resultados obtidos nos estudos realizados por Armitage *et al.* (2016) e por Santos *et al.* (2018), quanto ao suporte gerencial centrado em informações financeiras, e por Prihastiwi e Sholihin (2018), que ponderam que as principais práticas utilizadas pelas pequenas e médias empresas são as consideradas tradicionais, em detrimento de práticas mais sofisticadas. No entanto, conforme se observa nesta pesquisa, em momentos de crise, constatou-se que muitas MPEs clamaram por mais apoio gerencial dos contadores.



Portanto, é necessário que os contadores e os pequenos empresários busquem, de forma conjunta, a continuidade da transformação desse cenário, a fim de conduzir o uso das informações das ferramentas gerenciais para estágios mais avançados. Em decorrência, é fundamental e até indispensável que os contadores e os pequenos empresários continuem buscando interações mais amplas, aumentando a confiabilidade e a troca e conhecimentos entre eles, visando a possibilidade de uso de informações e ferramentas gerenciais mais contemporâneas, como aquelas propostas pelo IFAC (1998).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo identificar como a relação entre micro e pequenos empresários e os escritórios de contabilidade foi impactada pelos efeitos provocados pela pandemia da Covid-19, a partir da análise de entrevistas realizadas com sete escritórios que prestam serviços contábeis no município do Rio de Janeiro. Com fundamento no *corpus* da pesquisa, observou-se que a crise provocada pela Covid-19 promoveu uma aproximação entre esses atores, e uma melhoria no apoio gerencial àqueles empresários. Percebeu-se, como consequência da crise, a valorização do papel da contabilidade como suporte de gestão e tomada de decisão pelas MPEs, ainda que este suporte tenha um viés mais financeiro, mas isso é um desafio a ser vencido.

Portanto, buscou-se compreender como a pandemia influenciou e ainda continua influenciando as relações entre os contadores e esses clientes micro e pequenos empresários, principalmente quanto ao suporte à gestão oferecido pelos primeiros, como apoio ao processo decisório dessas empresas. Assim, com o entendimento formado a partir dos resultados obtidos neste estudo, pretende-se contribuir para o aprofundamento do entendimento de como os escritórios de contabilidade podem se preparar para oferecer apoio gerencial às MPEs, não só em momentos de crise, mas principalmente neles, uma vez que os empreendedores menos fortes e protegidos são os principais afetados.

Ademais, sugere-se que os escritórios de contabilidade aproveitem a experiência adquirida no momento de crise para manter o vínculo conquistado com os clientes micro e pequenos já existentes e conquistar novos nichos, oferecendo um leque mais amplo do que o simples apoio às decisões voltadas apenas ao aspecto financeiro, com o



fornecimento de aconselhamento técnico e de ferramentas gerenciais para auxílio dessas tomadas de decisões de gestão e gerenciamento administrativo.

Os resultados devem ser interpretados considerando que o estudo foi realizado por meio de entrevistas e após o momento em que os efeitos da Covid-19 puderam ser sentidos completamente, ou seja, nos anos de 2020 e 2021. Logo, é importante considerar que a classificação dos portes dos clientes foi obtida a partir do entendimento dos respondentes.

Por fim, sugere-se que futuras pesquisas sejam realizadas estendendo o número de participantes, a fim de analisar as relações investigadas nesta pesquisa considerando o período a partir do encerramento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (Espin), para identificar os efeitos gerados a médio e longo prazos às micro e pequenas empresas. Recomenda-se, ainda, estudos em profundidade, a fim de buscar possíveis motivações para o pouco uso, pelas MPEs, de artefatos da contabilidade gerencial em seu estágio mais atual.

REFERÊNCIAS

Ahmad, K. (2012). *The use of management accounting practices in Malaysian SMEs*. Dissertation (PhD), University of Exeter, United Kingdom.

Ahmad, K. & Zabri, S. M. (2016). Management accounting practices among small and medium enterprises. *Proceedings of the 28th International Business Information Management Association Conference*, 9, 10.

Albuquerque, A. F. (2004). *Gestão estratégica das informações internas na pequena empresa: estudo comparativo de casos em empresas do setor de serviços hoteleiro da região de Brotas*. (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo.

Armitage, H. M., Webb, A., & Glynn, J. (2016). The use of management accounting techniques by small and medium-sized enterprises: a field study of Canadian and Australian practice. *Accounting Perspectives*, 15(1), 31-69.

Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES). (2022). *Porte de empresa – Classificação de porte dos clientes*.

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Bächtold, C. (2011). Contabilidade Básica. *Escola Técnica do Brasil. Instituto Federal do Paraná. Curitiba/PR*.

Callado, A. A. C., & Melo, Wilton. A. (2018). Ferramentas e Informações Gerenciais em Micro e Pequenas Empresas. *RAUnP - Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Administração da Universidade Potiguar*, 10(3), 53-65.

Cavalcante, C. H. L.; & Schneiders, P. M. M. (2008). A Contabilidade como Geradora de Informações na Gestão de Micro e Pequenas Empresas de Iporã do Oeste/SC. *Revista Brasileira de Contabilidade*, 172, 63-75.

Chér, R. (1991) *A gerência das pequenas e médias empresas: o que saber para administrá-las* (2ª ed.). São Paulo: Maltese.

Coelho, C. U., & Lins, L. S. (2010). *Teoria da Contabilidade: abordagem contextual, histórica e gerencial*. São Paulo: Atlas.

Coronado, O. (2012). *Contabilidade Gerencial Básica* (2. ed.). São Paulo: Saraiva.

Crepaldi, S. A.; & Crepaldi, G. S. (2017). *Contabilidade gerencial: teoria e prática* (8ª ed.). São Paulo: Atlas.

Decreto nº 10.659, de 25 de março de 2021. Institui o Comitê de Coordenação Nacional para Enfrentamento da Pandemia da Covid-19.

Ferreira, R. R. F. Jr., & Santa Rita, L. P. (2020). Impactos da Covid-19 na Economia: limites, desafios e políticas. *Cadernos de Prospecção*, 13(2), 459-476.

Fiek, N.; & Loose, C. E. (2017). Uso das informações contábeis nas micro e pequenas empresas. *Revista de Administração de Roraima – RARR*, 7(2), 348-365.

Gaskell, G. (2003). Entrevistas Individuais e Grupais, in M. W. Bauer; G. Gaskell (org.), *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.

Global Entrepreneurship Monitor (GEM). (2010). Executive report. *Babson College and London Business School*.

Green, F. B., & Amenkhiyan, F. E. (1992). Accounting innovations: a cross sectional survey of manufacturing firms. *Journal of Cost Management for the Manufacturing Industry*, 6(1), 58-64.

Guimarães, A. B. S.; Carvalho, K. C. M. de; & Paixão, Luiz A. R. (2018). Micro, Pequenas e Médias Empresas: Conceitos e Estatísticas. *Radar*, 55.

Henrique, M. A., Santiago, M. F., Carniello, M. F., & Ricci, F. (2010). Contabilidade Gerencial: sua Aplicação e Utilidade na Pequena Empresa. *Encontro Latino-Americano de Pós-graduação*.

Institute of Management Accountants (IMA). (2008). Definition of Management Accounting. *Statements on Management Accounting*.

International Federation of Accountants (IFAC). (1998). *International Management Accounting Practice Statement: Management Accounting Concepts*. International Federation: New York.

Ittner, C. D., & Larcker, D. F. (2001). Assessing empirical research in managerial accounting: a value-based management perspective. *Journal of Accounting and Economics*, 32(1-3), 349-410.

Iudícibus, S. de; & Marion, J. C. (2017). *Introdução à teoria da contabilidade para o nível de graduação*. (6ª ed.). São Paulo: Atlas.

Iudícibus, S. de. (2020). *Contabilidade Gerencial - da Teoria à Prática*. (7ª ed.). São Paulo: Atlas.

Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. (5ª ed.). São Paulo: Atlas.

Lei complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte.

Lemes, A. B. Jr., & Pisa, B. J. (2019). *Administrando micro e pequenas empresas*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Campus.

Lukka, K., & Granlund, M. (2002). The fragmented communication structure within accounting academia: the case of activity-based costing research genres. *Accounting, Organizations and Society*, 27(1-2), 165-190.

Macohon, E. R., Beuren, I. M. (2016). Estágios Evolutivos da Contabilidade Gerencial que preponderam em um Polo Industrial Moveleiro. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*. 15(45), 9-22.

Manzini, E. J. (1991). A entrevista na pesquisa social. 26-27, 149-158. *São Paulo: Didática*.

Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (14ª ed.). São Paulo: HUCITEC.

Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista pesquisa qualitativa*, 5(7), 1-12.

Ministério da Saúde (2020). *Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (Covid-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde*.

Organização Mundial da Saúde (OMS). (2020). *Coronavirus disease 2019 (Covid-19) - Situation Report – 51*.

Portugal. (2022). Direção Geral das Atividades Económicas. *Iniciativa Small Business Act – SBA - para a Europa, 2022*.

Prihastiwati, D. A., & Sholihin, M. (2018). Factors Affecting the Use of Management Accounting Practices in Small and Medium Enterprises: Evidence from Indonesia. *Journal Dinamika Akuntansi*, 10(2), 158-176.

Sahu, P. (2020). *Closure of universities due to Coronavirus Disease 2019 (Covid-19): impact on education and mental health of students and academic staff*. *Cureus*, 12(4).

Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2013). *Metodologia da Pesquisa*. São Paulo: McGraw-Hill.

Santos, V., Dorow, D. R., & Beuren, I. M. (2016). Práticas Gerenciais de Micro e Pequenas Empresas. *Revista Ambiente Contábil, Natal-RN*, 8(1), 153-186.

Santos, B. P., Figueiredo, G. H., & Beuren, I. M. (2018). Uso dos instrumentos de Contabilidade Gerencial em pequenas e médias empresas e seu fornecimento pelo escritório de Contabilidade. *Pensar Contábil*, 20(71), 53-67.

Schumpeter, J. A. (1934). *The Theory of Economic Development*. Cambridge: Harvard University Press.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). (2013). *Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa - DIEESE*. 2013.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). (2021). *Micro e pequenas empresas geram 27% do PIB do Brasil*.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). (2022). *Sumário Executivo: Atlas dos Pequenos Negócios*.

Silva, M. S. (2010). *Utilidade da informação contábil para a tomada de decisões: um estudo sobre a percepção dos gestores de micro e pequenas empresas da Grande João Pessoa*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília.

Silva, V. S. (2020). A Contabilidade como Ferramenta de Gestão para as Micro e Pequenas Empresas. *Revista Científica*, 2(1).

Sintema, E. J. (2020). Effect of Covid-19 on the performance of grade 12 students: Implications for STEM education. *Eurasia Journal of Mathematics, Science and Technology Education*, 16(7), 1851.

Souza, F. F., Kachenski, R. B., & Costa, F. (2021). Escritórios de contabilidade e sua relação com os clientes frente à crise da COVID-19. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, 20, 1-16, e3138.

Souza, M. A.; & Diehl, C. A. (2009). *Gestão de custos: Uma abordagem integrada entre contabilidade, engenharia e administração*. São Paulo: Atlas.

Stacke, J. A., & Feil, A. A. (2017). Análise da Utilização das Ferramentas Contábeis Gerenciais em Micro e Pequenas Empresas. *Revista Gestão E Desenvolvimento*, 14(1), 128-144.

Statistical office of the European Union (Eurostat). (2011). *Key figures on European business – with a special feature on SMEs*. Luxembourg: Eurostat.

Stroehner, A. M., & Freitas, H. (2006). Identificação das necessidades de informações contábeis de pequenas empresas para a tomada de decisão organizacional. In: *III Congresso Internacional de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação – CONTECSI*. São Paulo. Anais... São Paulo: FEA/USP, 2006. p. 233.



Sunde, R. M., Júlio, O. A., & Nhaguaga, M. A. F. (2020). O ensino remoto em tempos da pandemia da covid-19: desafios e perspectivas. *Revista Epistemologia e Práxis Educativa*. 3(3), 1-11.

Tostes, F. P. (2018). *Contabilidade Gerencial*. (2ª ed.) Rio de Janeiro: Fundação Cecierj.